

Quando do Tournal me dirijo ao Largo da Condessa do Juncal (que na minha infância era conhecido pelo nome de feira do Pão), encontro, à direita, uma escadaria estreita sem atractivos que cativem a atenção dos visitantes. É a *Rua do Anjo*, topónimo que recorda o culto aí prestado ao Arcanjo S. Miguel, anjo custódio de Portugal e padroeiro também de Guimarães, juntamente com a Senhora da Oliveira.

A festa de S. Miguel, o Anjo, era em Guimarães celebrada com toda a pompa. Contava CRAESBEECK em 1726 que, nas suas vésperas, eram obrigados os moradores das freguesias de Cunha e Ruilhe a varrer a Praça da vila e seus açougues, situados ali ao pé^[1]. E refere também que, quando em Guimarães existiam duas vilas separadas: a de Vimarais e a do

Castelo, “*as antigas armas da vila eram a imagem do glorioso S. Miguel*”. Esta situação foi alterada nos fins do século XIV quando D. Fernando e, depois, D. João I, procederam à união das duas vilas. Como a vila de Vimarais tivesse por armas Nossa Senhora da Oliveira com um ramo de oliveira na mão, “*andar sempre unidas na bandeira da*

Câmara, onde de uma banda estava S. Miguel e da outra Nossa Senhora da Oliveira”.

Contudo, assevera CRAESBEECK que, pelo tempo



altura e que teria sido colocado na quinta de Margaride. Ainda lá estará?...

Hoje, a *Rua do Anjo* nasce nas velhas escadinhas e prolonga-se pela antiga rua dos Açougues. Desapareceu o *Largo do Anjo*, que se encostava à também demolida igreja de S. Paio, e desapareceu também a *Vila do Anjo* junto ao Recolhimento.

A perpetuar a memória do Anjo S. Miguel nesta zona da cidade, está um letreiro “*Rua do Anjo*”, à entrada das escadinhas. As suas letras brancas em fundo negro já mal se vêem porque ninguém até hoje se preocupou em avivá-las.

As placas toponímicas com o andar dos tempos... e com as disponibilidades financeiras da Edilidade: as mais artísticas e mais ricas são de granito, com o emblema da cidade esculpido; as mais recentes... e mais pobrezinhas, são as placas de alumínio(?). Pela “*Rua do Anjo*” não passaram nem uma nem outra: escondida num

adiante, se conservou somente o brasão antigo na bandeira encarnada da Câmara, com a imagem de S. Miguel. Essa bandeira, em procissão, acom-

panhava o Senado da vila e os seus oficiais, no dia do Anjo Custódio (terceiro domingo de Julho), saindo da Colegiada com o seu Cabido e mais clérigos, indo os Vereadores

com as suas varas. Levava o Juiz de Fora o dito pendão até ao cimo da rua de Santa Maria, antigo limite do burgo, e aí o entregava ao Vereador mais

velho que com ele entrava na antiga vila do Castelo e o levava até à igreja de S. Miguel do Castelo^[2].

O Padre Torquato Peixoto de AZEVEDO refere que, no seu tempo, na parte em que a hoje demolida rua de Alcobaça se juntava à rua Nova do Muro (hoje, rua Egas Moniz), dava princípio à muralha para a parte do sul, e pela parte de dentro do muro ia a rua do Anjo, que caminhava até ao terreiro de S. Paio, que a divide da que se chamava rua dos Açougues, com serventia pela porta Nova, também chamada Porta de S. Paio^[3]. Essa porta foi aberta na muralha em data por determinar, mas já existia em 28 de Maio de 1579 pois já é referida numa escritura notarial dessa data^[4]; segundo CRAESBEECK, foi alargada em 1725.

(continua página 6)

(continuação pág. 8)

Em 1993, ainda existia esse postigo, “por milagre”, no dizer de Luiz de PINA^[5]. Esperava ele ardentemente que um camartelo poderoso e audaz derrubasse o casario que o encobria. Mas não se cumpriu o seu voto: o camartelo veio, mas, poupando o casaria, arrasou o postigo... eliminando desse modo a última porta da vila...

No antigo Largo da Feira do Pão existiram em tempos idos monumentos que a ditadura do urbanismo fez demolir. Um desses monumentos, relacionado com o culto a S. Miguel, era o recolhimento do Arcanjo S. Miguel, conhecido vulgarmente pelo nome de recolhimento das Beatas do Chapéu. Foi demolido em 1911, com autorização do Governo, mas podemos fazer uma ideia do seu aspecto através de uma fotografia, onde vemos, num nicho da fachada, a imagem do seu Padroeiro^[6]. No largo fronteiro vê-se o cruzeiro, que foi apeado na mesma

recanto das escadas, ninguém a vê!... E eu poderia acrescentar: “ainda bem”, porque, ou muito me engano, ou essa inscrição pertence às primeiras que foram espalhadas pela cidade em Janeiro de 1807.

Se me é permitida uma sugestão, ela aí vai: Não eliminem o que aí está, avivem apenas a legenda, para que não se perca a memória do Anjo que, durante séculos, aí permaneceu como anjo tutelar deste local, desta cidade e desta nação!

8 de Julho de 2007
Fernando J. Teixeira

[1] - CRAESBEECK, Francisco Xavier da Serra - *Memórias ressuscitadas da província de Entre-Douro-e-Minho*, Ponte de Lima, vol. I, p.98

[2] - TEIXEIRA, Fernando José - *A festa do Anjo Custódio em Guimarães*, separata das Actas do III Congresso Histórico de Guimarães “*D. Manuel e a sua época*”, vol. IV, 2004

[3] - AZEVEDO, Torquato Peixoto de - *Memórias ressuscitadas da antiga Guimarães* (1692), 2.ª ed., p. 315

[4] - TEIXEIRA, Fernando José Teixeira - *O Castelo e as Muralhas de Guimarães*, Guimarães, 2001, p. 175

[5] - PINA, Luiz de - *O Castelo de Guimarães*, 1933, 9. 18

[6] - *Guimarães do Passado e do Presente*, 1985, p.17